

## Memória e comunicação no contexto ibero-americano

*Luís Humberto Marcos\* e Carlos Alexandre de Carvalho Moreno\*\**

### Resumo

Diretor do Museu Nacional da Imprensa, no Porto, e secretário-geral da Associação Ibero-Americana de Comunicação (AssIBERCOM), o professor Luís Humberto Marcos aborda a cooperação internacional entre pesquisadores e a importância da preservação da memória no setor da Comunicação, e analisa as responsabilidades do jornalismo na sociedade globalizada.

**Palavras-chave:** pesquisa em Comunicação, história da imprensa, relações acadêmicas Portugal-Brasil, campo jornalístico.

### Resumen

Director del Museo Nacional de la Prensa, en Porto, y secretario-general de la Asociación Iberoamericana de Comunicación (AssIBERCOM), el Profesor Luís Humberto Marcos aborda la cooperación internacional entre investigadores y la importancia de la preservación de la memoria en el sector de la Comunicación, y analiza las responsabilidades del periodismo en la sociedad globalizada.

**Palabras-clave:** investigación de la Comunicación, historia de la prensa, relación académica Portugal-Brasil, campo periodístico.

### Abstract

Director of the Portuguese Printing Press Museum and general-secretary of the Iberoamerican Association of Communication (AssIBERCOM), Professor Luís Humberto Marcos not only considers the international cooperation among researches and the importance of the preservation of the memory in the Communication sector, but also analyses the responsibilities of Journalism in the global society.

**Keywords:** Communication research, history of the press, Portugal-Brazil academic relations, journalism.

---

\* Luís Humberto Marcos é jornalista, professor universitário, pesquisador da história da imprensa. *E-mail:* museuimprensa@mail.telepac.pt

\*\* Carlos Alexandre de Carvalho Moreno é jornalista e professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *E-mail:* moreno@uerj.br

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *O que o levou a propor a criação da AssIBERCOM?*

**Luis H. Marcos** – Sobretudo, a necessidade de tornar mais efetiva uma organização que existia sem exigências juridico-administrativas necessárias para o seu desenvolvimento. Havia já do ponto de vista da reunião de um conjunto de pessoas, dinamizadas pelo professor José Marques de Melo. Foi ele efetivamente o grande mentor deste movimento. Eu tive a honra de ser convidado pelo professor Marques de Melo para participar de um dos eventos deste movimento e, quando me coube organizar o V Ibercom, no Porto, em 1998, lembrei-me de sugerir exatamente a institucionalização do Ibercom. E esta institucionalização passava pela organização de uma entidade que, jurídica e administrativamente, pudesse dar sustância a este movimento, riquíssimo de experiências, de troca de conhecimentos, de reforço da investigação, do debate e da reflexão sobre temas tão comuns como são os da comunicação social no espaço da América Latina, de Portugal e de Espanha. A partir daí, fiz a sugestão que foi aceita, correspondendo à necessidade de organizar, do ponto de vista legal, todo o processo para que efetivamente o movimento tivesse a tradução institucional requerida. Foi aí que se resolveu criar a AssIBERCOM. De fato, a necessidade foi no fundo sedimentar aquilo que constituía o movimento com alguma informalidade, que se reunia periodicamente e que refletia questões importantíssimas da comunicação social. A Associação implica entrarmos na esfera do espaço institucional que permita acesso a determinadas iniciativas e estruturas, o que, portanto, dá uma outra substância à própria idéia inicial do professor Marques de Melo, primeiro e atual presidente da AssIBERCOM. A Associação nasce em 1998, durante o V Ibercom, no Porto. Em termos de cartório, é oficializada em 2000. A eleição dos primeiros órgãos e corpos sociais acontece no Chile, em maio de 2000. E, portanto, nem três anos temos de existência, o que para uma organização internacional é muito pouco tempo para sedimentar. De qualquer forma, já fizemos algumas iniciativas, diretamente ou em cooperação com outras instituições. O VI Ibercom, no Chile, foi organizado com base na existência da Associação. Depois fizemos no Porto um encontro ibero-americano de jornalismo cultural em 2001. E em novembro de 2002 promovemos o VII Encontro Ibero-Americano de Comunicação, no Porto também, em colaboração com o CFJ. De todos que se realizaram até agora, foi o congresso que teve mais comunicações, cerca de 200, de fato um recorde extraordi-

nário. Estamos neste momento preparando o livro de Atas, que vai ter um CD-Rom com todas as comunicações.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Quais têm sido as suas expectativas como secretário-geral da AssIBERCOM?*

**Luís H. Marcos** – A expectativa é no fundo continuar a desenvolver as relações internacionais neste espaço enorme de expressão hispano-portuguesa, de português e de espanhol, de forma a promover o enriquecimento ao nível das investigações transnacionais e do aprofundamento de laços que beneficiem o intercâmbio e o conhecimento da riqueza de cada povo e das especificidades da comunicação de cada país e região desta vasta área ibero-americana. É este o espaço que diz respeito a esta Associação, que é, creio eu, a associação de comunicação que, não sendo mundial, em termos de futuro pode juntar mais pessoas e instituições.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como avalia a evolução da Associação?*

**Luís H. Marcos** – O trabalho feito agora está aquém daquilo que pode ser a nossa ambição, mas isto também mostra que os caminhos transatlânticos no domínio da pesquisa, da investigação, têm o seu tempo para se pragmatizar. Ora, às vezes demora-se um ano a organizar um encontro internacional. E nós, entre 2000 e 2002, fizemos dois, o de jornalismo cultural e o VII Ibercom. O que nós pensamos é que isto é um começo que precisa de uma segunda afloração. O fato de já estar marcado o VIII Ibercom para La Plata, na Argentina, em outubro do próximo ano, constitui um bom indicador de que vamos avançar para esta afloração. É possível que agora, como já temos esta marcação, isto corresponda no fundo à entrada num ritmo mais acelerado de desenvolvimento e iniciativa. É com essa vontade e com esse empenho que, juntamente com os restantes membros da Direção, designadamente do presidente Marques de Melo, estamos trabalhando.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Qual é a sua visão do intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e portugueses na área de Comunicação?*

**Luís H. Marcos** – Eu creio que ele tem se ampliado, mas ainda está longe de corresponder ao potencial que existe no domínio da investigação que se faz na América Latina, que é riquíssima e que é mais antiga do que, no conjunto, a que é feita na Península Ibérica. Há um potencial riquíssimo que é preciso desenvolver. O fato de já se ter melhorado relativamente ao que se

fazia há dez anos ou há 15 anos não significa que devamos cruzar os braços. Pelo contrário, isto significa que é preciso fazer muitíssimo mais. Estamos praticamente no grau zero daquilo que é útil e necessário fazer-se em termos de intercâmbio, porque há estudos comparativos que é preciso desenvolver a vários níveis da comunicação em geral e não só do jornalismo. Há riquezas diferentes, há ritmos e processos bastante diferentes em cada um dos países, na América Latina em geral, e na Península Ibérica em particular, que é preciso desenvolver. Precisamos de dar as mãos e avançar, no fundo, potenciar aquilo que é uma das grandes capacidades da própria globalização e das tecnologias, potenciar-lhes em favor do maior conhecimento das comunidades de investigadores e em favor do maior conhecimento dos processos de comunicação, para fazermos uma sociedade muito mais solidária, mais democrática, mais evoluída, mais dinâmica, mais capaz de responder à satisfação do próprio homem.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Especificamente sobre as relações entre a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e a AssIBERCOM, quais são as possibilidades?*

**Luís H. Marcos** – O fato de haver associados comuns, pessoas que trabalham na Intercom há muitos anos e que estão também na AssIBERCOM, ajuda que os laços sejam quase naturais. Também me parece que é possível avançar com a institucionalização de outros laços, de outras relações, que ultrapassem este conhecimento pessoal de muitos de nós no espaço da Ibercom e no espaço da AssIBERCOM.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como isso poderia acontecer?*

**Luís H. Marcos** – Isso poderia fazer-se com encontros paralelos a outras iniciativas e com a especificação cruzada de pesquisas que estejam em desenvolvimento no âmbito da Intercom e que possam ser também desencadeadas pela própria AssIBERCOM. Ou seja, o espaço da Intercom é o espaço do Brasil, e o espaço da AssIBERCOM é um espaço que ultrapassa o Brasil, mas não deixa de fora obviamente o Brasil, porque é, aliás, de fato o país com mais produção científica nesta área, com mais escolas e com mais tradição no âmbito da formação em Ciências da Comunicação. É preciso talvez aproveitar as energias de uma e outra instância e tentar fazer mais e melhor para promover aquilo que são os objetivos institucionais quer da AssIBERCOM quer da Intercom.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *O Sr. pode abordar também o campo da pesquisa em Comunicação levando em consideração instituições como a Lusocom (Federação Lusófona de Ciências da Comunicação) e a SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação)?*

**Luís H. Marcos** – Da mesma maneira que para a Intercom, as relações podem desenvolver-se no campo institucional e com planos de ação. O que é preciso fazer é de fato juntar as energias, fazer um encontro destas associações todas. Uma idéia é promover um encontro, quase que federativo, que juntasse todas estas associações e permitisse o desenvolvimento de uma plataforma na medida do possível, sem cada uma perder as suas particularidades. Ou seja, fazer com que se desenvolva um plano com maior utilização das energias de cada associação para promover uma melhor comunicação, uma melhor investigação, uma maior amplitude de divulgação dos resultados destes mesmos trabalhos de reflexão e de investigação.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como classifica o campo jornalístico hoje em Portugal?*

**Luís H. Marcos** – O jornalismo em Portugal evoluiu bastante nos últimos anos ao nível das exigências daquilo que deve ser o saber-fazer do jornalista. Mas tenho dúvidas se ele evoluiu em termos de saber-ser. Talvez seja este o grande *handicap* do jornalismo português. Isto porque o saber-fazer é algo que pode advir com alguma facilidade da formação que é dada nos diversos cursos de comunicação que estão espalhados pelo país neste momento. A década de 90 foi uma década que propiciou o desenvolvimento de dezenas de cursos em todo o país, coisa que não existia praticamente há vinte anos. Portugal é um dos países da Europa com maior atraso ao nível da formação jornalística. A ditadura (1926-1974) também impedia que houvesse formação na área das Ciências Sociais. Não há quase nenhum curso autorizado pelo regime ditatorial na área das ciências sociais. E obviamente o jornalismo também era um campo maldito para o próprio regime, e houve todo o impedimento às diversas iniciativas que surgiram para que se abrisse um curso de comunicação social. Portanto, a formação propriamente dita para jornalistas é muito tardia em Portugal. Mas, apesar disso, é fácil dar o saber-fazer, ensinar as técnicas. Agora o saber-ser, o saber assumir uma dimensão ética perante os diversos poderes, este é de fato o papel mais difícil do jornalista. E este implica um trabalho de estágio, de imersão nas redações. Hoje praticamente são poucos os estagiários que vão para os mei-

os de comunicação social. Porque eles entram nos meios de comunicação social e já estão trabalhando como se fossem profissionais, e, portanto, a sua imersão em termos de processo de aprendizagem acaba por ser bastante controversa e fora daquilo que deveriam ser as exigências da sua preparação profissional. A esse nível acho que ainda há um longo caminho a percorrer em Portugal. Apesar disso acho que, ao nível de alterações gráficas, ao nível de uma certa dinâmica jornalística, tem havido alguma evolução. E, apesar de algumas contradições, parece-me que o jornalismo hoje continua a afirmar-se pela dimensão do contrapoder, não de um poder que se submete ao poder político, ao poder econômico, ao poder, enfim, de determinadas instâncias, mas um poder que sabe assumir a sua distância para melhor cumprir a sua missão, a sua função social, como base para uma melhor democratização da própria sociedade.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como a pesquisa em Comunicação interage com o ensino tanto em termos de saber-fazer como de saber-ser?*

**Luís H. Marcos** – Tem havido um crescimento de pesquisas nas diversas escolas. Mas creio que essas pesquisas precisavam de uma maior relação com os processos práticos do próprio jornalismo. Acho que ainda há um caminho longo a percorrer e que as experiências brasileiras no campo da investigação poderiam constituir um bom exemplo daquilo que se deveria fazer em Portugal, por terem uma relação mais direta com a prática, com o desenvolvimento dos próprios projetos editoriais. O ensino português do meu ponto de vista ainda está muito marcado pelo academismo.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Qual é na sua visão o maior desafio enfrentado hoje por profissionais e pesquisadores de Comunicação de países de língua portuguesa na sociedade globalizada?*

**Luís H. Marcos** – O maior desafio, creio eu, é o do conhecimento e das tecnologias. O jornalista hoje tem de ser mais exigente porque ele tem de ser mais rápido para intervir, mais rápido para responder, mais rápido para dar a informação. O jornalista que não for rápido perde na competição com os outros. E para ser rápido é preciso ter não só as habilidades necessárias, mas é preciso ter saber, é preciso ter conhecimento. O jornalista hoje tem de ser muito mais conhecedor dos assuntos e das matérias do que se exigiria eventualmente há alguns anos e, por outro lado, do ponto de vista humano, tem de saber ser em condições de manter a credibilidade e de elevar a

credibilidade do próprio jornalismo, sob pena de, com o descrédito, ficar ameaçada a própria profissão. Além disso, é preciso sabermos dominar as próprias tecnologias da informação, quase como há alguns anos era exigido que soubéssemos escrever numa máquina de escrever. Portanto, esse conhecimento básico tecnológico é fundamental para nós podermos responder às exigências da sociedade globalizada.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *De que forma o cartoon pode ser considerado um gênero jornalístico?*

**Luís H. Marcos** – Eu tenho tentado desde os anos 90 defender o *cartoon* como gênero jornalístico. Penso que, apesar de estar inscrito de fato no domínio da crônica e, sobretudo, da crônica humorística, se você procura os vários manuais de jornalismo, ele não é considerado como um gênero jornalístico. Parece-me errado porque efetivamente aquilo que marca o *cartoon* é a sua ligação estreita à realidade que passa. Constitui uma forma de satiricamente analisar, interpretar e comentar uma determinada personagem, ou um determinado acontecimento. Tem a particularidade de ser uma linguagem muito sintética e de ser a linguagem mais reconhecida universalmente. No fundo, tem o potencial de reflexão mais forte do que qualquer outra linguagem. Trata-se, de fato, de um gênero jornalístico iconográfico, marcado pela interpretação humorístico-satírica da atualidade.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como tem sido a experiência de realizar o PortoCartoon no âmbito do Museu Nacional da Imprensa?*

**Luís H. Marcos** – A promoção do *PortoCartoon*, um concurso internacional, começou quase como uma pequena aventura em 1998. O festival tem vindo crescendo de ano para ano, tendo sido recentemente classificado como um dos três principais concursos do mundo por uma instituição chamada *FECO*, *Federation of Cartoonists Organizations*. É um bom exemplo de como se pode tratar de temas de grande atualidade, como o ecoturismo ou a água, pelo olhar satírico dos cartunistas, que nos faz ver, com humor, a realidade tantas vezes dura e agreste com a qual nós nos confrontamos e para a qual não estávamos despertos.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como surgiu o Museu Nacional da Imprensa?*

**Luís Humberto Marcos** – O Museu Nacional da Imprensa surgiu da neces-

sidade de preservar a memória deste setor, quando a transformação tecnológica ao nível das tipografias dos jornais estava acontecendo, mais precisamente nos anos 80. Em contato com a imprensa regional, nós tivemos conhecimento de que estava ocorrendo a introdução dos computadores nos meios de comunicação. Foi a partir daí, em 1986, que o projeto começou a ser desencadeado, primeiro com a criação de uma pequena equipe, à qual se deu formação museológica, e com a pesquisa por todo país sobre o material que existia passível de ser integrado no projeto. Criou-se depois, em 1989, a Associação Museu da Imprensa, que envolveu os principais jornais do país com mais de cem anos, a Câmara Municipal do Porto (prefeitura), a Associação dos Industriais Gráficos (com sede em Lisboa), a Associação de Imprensa Não-Diária (também de Lisboa), uma fundação cultural e o Centro de Formação de Jornalistas (CFJ), instituição cooperativa que foi o motor de todo o processo. Ou seja, este projeto, que tem por base a arqueologia industrial no domínio das artes gráficas, nasce do seio do próprio jornalismo.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *De que forma o projeto do Museu foi viabilizado?*

**Luís H. Marcos** – A muito custo e com muita determinação. Foi preciso encontrar o local adequado para um projeto tão ambicioso como era este, com equipamentos que ainda estavam funcionando em muitas tipografias, e fazer de fato um museu vivo. Foi o primeiro museu vivo de Portugal. Outra preocupação que nós tivemos foi a de recolher testemunhos de velhos tipógrafos, e de jornalistas também, que nos contavam aquilo que tinha sido a sua imersão na própria profissão e o desenvolvimento dos mecanismos e das técnicas que estavam ultrapassadas no final dos anos 80. Nós tínhamos esses fatores singulares, e, a partir daí, a Associação, que é privada e sem fins lucrativos, começou a preocupar-se em encontrar um espaço suficientemente grande para permitir o desenvolvimento do projeto, uma vez que contamos com máquinas de impressão muito grandes. Não foi fácil, mas conseguimos em 1990 encontrar umas ruínas junto ao Rio Douro, que estavam completamente abandonadas, numa das áreas mais degradadas da cidade do Porto. Havia ali um grande espaço, oito mil metros quadrados, e isso permitiu que nós conseguíssemos preparar um armazém que foi acolhendo as máquinas. E esse patrimônio não se perdeu. Mas não nos interessava fazer um mero armazém de maquinaria, de antiguidades da tipografia. O que nos interessava era fazer um museu vivo.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Em que consiste o Museu?*

**Luís H. Marcos** – Consiste num projeto de recuperação patrimonial, animação, descentralização e internacionalização. Tudo começou com uma equipe que teve, por exemplo, no mecânico um dos primeiros elementos. A função dele era pegar nas máquinas que chegavam e, se estavam em bom estado, evitar que se degradassem. Nas outras que chegavam eventualmente degradadas, mas que tivessem uma possibilidade de serem recuperadas imediatamente, ele intervinha de forma a reabilitá-las e a pô-las em funcionamento. E foi isso que permitiu que nós tivéssemos um patrimônio funcionável, dos maiores do mundo hoje, em condições de inaugurar o Museu menos de oito anos depois da criação da Associação e poucos anos depois de recolher as máquinas. Mais de um terço deste espólio, mais de cem peças, são máquinas que funcionam, sendo que cerca de 30 destas estão na exposição permanente, que se chama “Memórias Vivas da Imprensa”. Elas funcionam, cumprem sua função, e permitem aquele desenvolvimento da idéia do museu vivo, onde as pessoas podem experimentar, cheirar a tinta, pôr o papel sobre a composição, imprimir e levar uma recordação para casa.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *O que destaca sobre sua experiência como diretor do Museu Nacional da Imprensa?*

**Luís H. Marcos** – O prazer de criar e de tornar dinâmico um projeto que começou como uma aventura, sem apoios e com alguma descrença. Tenho procurado que o Museu se afirme também no domínio da descentralização da cultura e do turismo cultural. Não queremos um museu sacrário de peças antigas, mas um museu que movimente a própria economia. A idéia é rentabilizar a localização do Museu, fazer com que ele constitua pólo de um roteiro turístico e que as pessoas desfrutem com prazer do espaço paisagístico, na margem do rio, e da própria riqueza museológica do projeto.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Qual é a relação do meio universitário com o Museu?*

**Luís H. Marcos** – Está começando a ser mais intensa, mas faz-se em protocolos e estágios que o próprio Museu dá no âmbito dos cursos de Patrimônio e da Museologia, sobretudo, e da Comunicação também. O Museu constitui um espaço de absorção de estagiários nestas áreas e promove um protocolo com a Universidade do Porto.

**Carlos A. de Carvalho Moreno** – *Como se constituiu e tem se desenvolvido o Museu Virtual da Imprensa?*

**Luis H. Marcos** – Primeiro que tudo, isso foi uma pequena aventura dentro da grande aventura do Museu. No mesmo dia em que foi inaugurado pelo Presidente da República o museu real, ele mesmo lançou na internet o museu virtual. Foi concebido apenas para funcionar como instância virtual. A parte relativa ao museu real é pequena. O resto é constituído pela história da imprensa em nível mundial, pela história dos alfabetos, por um conjunto de informações de todo o mundo. Portanto, foi um projeto feito para ser um museu virtual mesmo. Não foi um decalque do museu real. Continua a ser o único em nível internacional que fala de todo o mundo neste setor. Lá são encontradas as coleções e os museus de todo o mundo da imprensa e das artes gráficas.

## Quem é Luís Humberto Marcos

Natural do Funchal, jornalista e professor universitário (ISMAI e Universidade de Aveiro), Luís Humberto Marcos é Diretor do Museu Nacional da Imprensa. Licenciou-se em Psicologia (UP), fez Mestrado em Comunicação Social (UNL) e é Doutorando na Facultad de Ciencias de la Información, da Universidade Complutense de Madrid.



Tem organizado congressos e debates internacionais, dos quais se destacam: Multimédia' 93 (Porto, 1993), Forum Multimédia (Lisboa, 1995), V Ibercom – Congresso Ibero-americano de Comunicação (Porto, 1998), III Encontro de Jornalistas Norte de Portugal-Galiza (Viana do Castelo, 2000), I Encontro Ibero-Americano de Jornalismo Cultural (Porto, 2001) e VII Ibercom (Maia/Porto, 2002).

Foi vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas e da AJHLP (Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto). Fundou o CFJ - Centro de Formação de Jornalistas (cuja direção preside atualmente), em 1983, e a Escola Superior de Jornalismo (Porto, 1985). Como consultor do Ministério da Educação nas áreas da Comunicação e Tecnologias da Informação, elaborou a matriz programática do Curso Tecnológico de Comunicação, lançado em 1991, no Ensino Secundário.

Tem desenvolvido pesquisas sobre a história da imprensa, designadamente sobre a imprensa científica, a imprensa literária, o *cartoon* e a censura. Organizou várias exposições nacionais e internacionais do Museu Nacional da Imprensa, cujo projeto tem orientado desde a criação da AMI - Associação Museu da Imprensa, em 1989. Coordenou a edição dos catálogos do I, II, III e IV *PortoCartoon - World Festival* (1999-2002), iniciativa da sua autoria e que foi recentemente cotado entre os três principais concursos de *cartoon* do mundo. É autor do projeto do Museu Virtual da Imprensa, a primeira instância cibernática mundial sobre museologia da imprensa ([www.imultimedia.pt/museuvirtpress](http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress)).

Foi fundador do Instituto Multimédia (Porto, 1990), da associação European Multimedia Forum (Bruxelas, 1994) e da AssIBERCOM - Associação Ibero-Americana de Comunicação (Porto, 1998). É co-autor dos livros “Segundo Julgamento do Padre Mário” (Afrontamento, 1974) e “Os trabalhadores e o *lock-out* de Vieira de Leiria” (Afrontamento, 1974). Fez conferências em diversos países sobre temas relacionados com a mídia e as tecnologias da informação e da comunicação e tem diversos trabalhos publicados sobre temas da sua especialidade.